



DOM CASMURRO E A MINISSÉRIE CAPITU EM SALA DE AULA: um relato de experiência vivenciado no PIBID

Ivne Victória Silva Nunes ¹
Vera Lopes da Silva ²

RESUMO

Este trabalho se propõe a relatar experiências pedagógicas vivenciadas tanto na Instituição de Ensino Superior (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC Minas) quanto na unidade escolar participante do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e refletir acerca delas. Esse projeto foi realizado na Escola Estadual Maestro Villa Lobos, localizada no bairro Santo Agostinho, na cidade de Belo Horizonte, com a turma do 3º ano do Ensino Médio ao longo do primeiro semestre de 2023. A experiência de aprendizado acerca da regência em sala de aula apresentou como proposta de trabalho discutir a minissérie televisiva *Capitu* (2008) escrita por Euclides Marinho, bem como identificar suas semelhanças e diferenças com o romance *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis. A metodologia fundamentou-se na teoria de Rildon Cosson em *Círculos de leitura e letramento literário* (2014) e *Letramento literário* (2009), pois, assim como Cosson (2014), entendemos que os círculos de leitura são uma ótima estratégia escolar para promoção do hábito de ler. O nosso aporte teórico se embasa em autores como: BALOGH (2002), HUTCHEON (2011), ROUXEL (2013). Como principais resultados, foi possível evidenciar que o PIBID contribui para a formação docente inicial de qualidade. Principalmente, evidencia-se que a literatura é indispensável para o currículo escolar que prioriza a cultura humana e valoriza o senso crítico.

Palavras-chave: Literatura, Machado de Assis, Minissérie, Capitu, PIBID.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo relatar uma experiência de aula guiada e refletir acerca do trabalho em sala de aula da minissérie *Capitu* (2008) escrita por Euclides Marinho, bem como identificar suas semelhanças e diferenças com o romance *Dom Casmurro* (1899) no Ensino Médio. Optamos por partir do texto canônico para depois nos debruçarmos sobre a adaptação, pois o grande desafio é saber como trabalhar esse material em classe, utilizando meios que ajudem a seduzir os alunos, conforme recomenda Heloisa Cerri Ramos, em entrevista a Revista Nova Escola (2007). A aula se justifica na necessidade de provocar os alunos a lerem textos clássicos e aprenderem a apreciar a literatura de qualidade. Os clássicos ao serem lidos na escola são absorvidos de uma maneira muito especial porque “a juventude comunica ao ato de ler como a qualquer outra experiência um sabor e uma importância

¹ Graduanda do curso de Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas, ivnevictoria@gmail.com;

² Professora Doutora do Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas, vera.lopes@sga.pucminas.br.



particulares”, definiu Calvino (1993). Assim, compreende-se que, um dos papéis da escola seria: possibilitar o acesso à ficção de qualidade prazerosamente. Assim, o objetivo principal de trabalhar a minissérie junto aos alunos é justamente seduzir esses jovens para o texto clássico e fazer com que a leitura seja instigante e prazerosa. Sendo assim, este trabalho apresenta em suas seções algumas considerações sobre perspectivas para o ensino.

Esse projeto literário foi realizado na Escola Estadual Maestro Villa Lobos, localizada no bairro Santo Agostinho, na cidade de Belo Horizonte, em turmas do 3.º ano do Ensino Médio ao longo do primeiro semestre de 2023. A proposta se deu com o intuito de fazer com que os alunos tivessem acesso à leitura na íntegra de um texto do Realismo brasileiro, por meio de uma prática docente diferente daquela já empregada em sala de aula. A metodologia partiu da teoria de Rildon Cosson em *Círculos de leitura e letramento literário* (2014) e *Letramento literário* (2009), pois, assim como Cosson (2014), entendemos que os círculos de leitura são uma ótima estratégia escolar para realizar a promoção do hábito de ler, a formação do leitor e a leitura literária.

Esse relato de experiência está organizado em duas seções, a primeira aborda os procedimentos teóricos e metodológicos utilizados no estudo, juntamente com o levantamento de dados obtidos por meio da leitura de textos. Na última seção, são discutidas as considerações finais, destacando os pontos positivos da experiência de docência em sala de aula.

METODOLOGIA

Para alcançarmos os objetivos propostos, as atividades de leituras foram realizadas por meio do método do Círculo de leitura em sala de aula, divididas em duas etapas: leitura oral e discussão da temática em equipes. Como *corpus* de leitura, partimos da adaptação em quadrinhos de *Dom Casmurro* feita por Wellington Srbek e José Aguiar (2017) e aprofundamos posteriormente em recorte da obra original, *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis. Toda a leitura foi mediada pelos pibidianos e pela professora preceptora, com pausa protocolada e/ou conforme as necessidades no decorrer da leitura. Para a discussão em equipes, utilizamos os diários de leitura e as fichas de função citadas por Cosson (2014) em seu livro *Círculos de leitura e letramento literário*:

a) Conector - Liga a obra ou o trecho lido com a vida, com o momento; b) Questionador - Prepara perguntas sobre a obra para os colegas, normalmente de cunho analítico, tal como por que os personagens agem desse jeito? Qual o sentido deste ou daquele acontecimento? c) Iluminador de passagens - Escolhe uma passagem para explicitar ao grupo, seja porque é bonita, porque é difícil de ser entendida ou porque é essencial para a compreensão do texto; d) Ilustrador - Traz imagens para ilustrar o texto; e) Dicionarista - Escolhe palavras consideradas difíceis ou relevantes para a leitura do texto; f) Sintetizador - Sumariza o texto; g) Pesquisador - Busca informações contextuais que são relevantes para o texto; h) Cenógrafo - Descreve principais cenas; i) Perfilador - Traça um perfil das personagens mais interessantes. (DANIELS, 2002 apud COSSON, 2014, p. 142-143).

Após essa etapa, os pibidianos se dividiram em duplas e selecionaram temáticas que estabelecem um intertexto³ com a obra canônica trabalhada, entre elas foram abordadas obras como a tragédia shakespeariana de *Otelo*, o romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, *Crime e Castigo* do escritor Fiódor Dostoiévski, a minissérie *Capitu* na qual se destina esse artigo, entre outros. Segundo Ivanda Maria Martins Silva (2005), o texto literário é plural, marcado pela inter-relação entre diversos códigos (temáticos, ideológicos, linguísticos, estilísticos, dentre outros) e o aluno deve compreender a interação entre literatura e outras áreas que se inter-relacionam no momento da constituição do texto. Devido a esse aspecto, as aulas preparadas pelos pibidianos e supervisionadas pela professora preceptora foram de fundamental importância no âmbito escolar, já que a inter-relação de textos com a literatura envolvem diversas áreas atreladas à prática da leitura como fenômeno sociocultural e aproxima a obra canônica com a realidade do aluno. Segundo Rouxel, a “literatura lida em sala de aula convida também a explorar a experiência humana, a extrair dela proveitos simbólicos que o professor não consegue avaliar, pois decorrem da esfera íntima” (ROUXEL, 2013, p. 24), ou seja, o aluno capta da literatura os pensamentos mais intrínsecos, e por isso a minissérie foi selecionada como *corpus* deste projeto, pois, ela não só aproxima como também penetra a barreira sociocognitiva do indivíduo.

Acrescenta-se a essa ideia, a necessidade de uma curadoria e recorte do que será realmente abordado em sala. Nesse âmbito, para mostrar os recortes utilizados, introduzido pela leitura literária e pela discussão da minissérie *Capitu*, apresenta-se mais adiante nesse relato, o resultado dessa experiência em sala de aula.

³ Segundo Júlia Kristeva (1967), para Bakhtin o discurso literário “não é um ponto (um sentido fixo), mas um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo de várias escrituras” (Idem, p. 439), se constitui como um mosaico de citações onde todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Esse cruzamento se dá numa relação intertextual (texto x texto).

REFERENCIAL TEÓRICO

Para a fundamentação teórica realizada no preparo da aula, apoiamos em Balogh (2002), Hutcheon (2011), Rouxel (2013), dentre outros textos de referência. O objetivo dessa aula se pautou em discutir a minissérie televisiva *Capitu* (2008) escrita por Euclides Marinho e com produção realizada por Luiz Fernando Carvalho, bem como identificar suas semelhanças e diferenças com o romance *Dom Casmurro* (1899). Essa proposta de trabalho visou incentivar o hábito de leitura na rotina dos alunos e proporcionar reflexão. Assim, é importante salientar para os alunos a transposição de suporte e até mesmo de linguagem entre a obra e a minissérie. Para Hutcheon (2011, p. 29), “a adaptação sempre envolve tanto uma (re-)interpretação quanto uma (re-)criação; dependendo da perspectiva, isso pode ser chamado de apropriação ou recuperação”. Como consequência desta intertextualidade, as obras resgatadas ganham ares contemporâneos e garantem uma sobrevivência. Simultaneamente, a nova mídia recebe influência das obras que adapta e reabre diálogos, cria espaço para novos olhares, ou olhares por outros ângulos (MANSOR, 2021, p. 60).

A Rede Globo, nessa perspectiva, têm produzido ótimos seriados e minisséries que não só adaptam a literatura canônica, como também exteriorizam a obra para fora das páginas e transpõe o que sugere a teoria tradicional de adaptação, como afirma Ribas (2018) exibem um “olhar além”. Além disso, a televisão por si só já envolve os alunos numa metodologia diferenciada de aprendizagem, em que segundo a pesquisadora Balogh (2002),

as transposições da literatura à TV têm, ademais, um valor didático e uma força educacional inegável, além dos valores já tradicionalmente atribuídos à dramaturgia televisual brasileira e a esse formato em particular. As minisséries preservam nossas tradições culturais, divulgam a obra adaptada, incitam leituras ou releituras dos originais. Sabemos que, em muitos casos, a adaptação das obras para a TV é acompanhada de relançamento dos livros originais e de um substancial aumento na sua venda (BALOGH, 2002, p. 132).

A minissérie, além de conter e de trabalhar os aspectos citados, apresenta um valor inesgotável de teias intertextuais para aguçar o prazer da dúvida no aluno. Essa relação entre as produções é carregada de informações, citações e referências clássicas na construção narrativa machadiana, aliada a tantos outros recursos midiáticos. Além disso, a qualidade das escolhas de cenário, luzes, figurinos e atuação dão um show de leitura realizada pelo diretor, transpondo, inclusive, o tom dramaturgo atual. Assumindo um tom teatral, a minissérie entra em consonância com o que Oliveira (2020) afirma, em que a ela “ofertar a esse público uma estética com a qual ele não está habituado e que, portanto, pode interromper o ciclo vicioso da absorção de conteúdos que não necessitam de uma reflexão para serem consumidos” (OLIVEIRA, 2020, p. 48).

Instigar o aluno a perceber as semelhanças e as diferenças entre a obra e a minissérie, a fazerem uma análise comparativa, é um papel fundamental do professor. Todo cuidado crítico ao selecionar obras que permitam uma interação mais produtiva, além de utilizar questões que possam deixar clara a relação entre a experiência do aluno e o texto (SILVA, 2005, p. 523). Mediante a esse estudo teórico, revela-se, na próxima seção, os resultados obtidos na seleção e recorte das teias intertextuais construídas na minissérie *Capitu*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

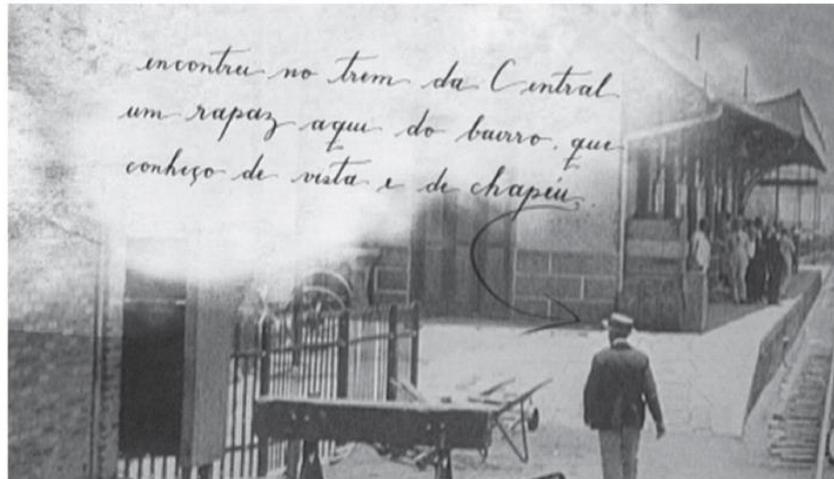
Diante do exposto nas seções anteriores, ao serem lidos na escola, os clássicos são absorvidos de uma maneira muito especial porque “a juventude comunica ao ato de ler como a qualquer outra experiência, um sabor e uma importância particulares”, como definiu Calvino (1993). Dessa forma, para alcançarmos os objetivos propostos, a ideia principal de trabalhar com a minissérie é justamente seduzir esses alunos para o texto clássico e fazer com que a leitura seja instigante e prazerosa. Para isso, a curadoria, seleção e recorte das cenas e informações a serem levadas para a sala de aula é de fundamental importância, por serem através desse recorte que o objetivo será possível. Assim como os olhos de resseca de *Capitu*, a literatura tem esse poder de capturar o aluno, sem que ele seja apenas um “leitor reproduzidor”.

Portanto, foram selecionadas cenas recortadas de forma intencional para instigar o interesse e a curiosidade dos estudantes, com o predomínio de perguntas que cativassem o aluno, em relação à noção de leitura como “dúvida” e não como “certeza”. Foram levantadas questões como: *Capitu*, manipuladora ou vítima de fofocas? O que há de diferente entre a minissérie e a obra canônica? Qual a significância da escolha da trilha sonora? E o figurino? São muitas dúvidas acerca de uma adaptação tão rica como da minissérie *Capitu*, produzida de forma tão detalhada pela rede Globo.

No primeiro momento da aula foi reproduzida a abertura da minissérie, que já conta com uma gama de detalhes para serem observados. Na série, há uma sobreposição de cenas que se assemelham aos *flashes* de memória do narrador, Bento Santiago. Na abertura não difere da obra original, mas há uma dissemelhante no tempo em relação a primeira versão do romance, ao remeter aos dias atuais com cenas intercaladas de trens em movimento que retratam o passado e o metrô, também por meio do movimento com cores mais densas, opressoras, com pichações e grafite. A mistura de passado e do presente remete a adaptação da obra canônica para a cinematográfica, sendo inclusive costurada pelas escritas típicas da

época de publicação do romance *Dom Casmurro* (1899). Uma forma metafórica de transposição da escrita para a lente. O tempo na minissérie não se divide em passado, presente e futuro, mas se confunde e se emaranha aos acontecimentos, como descritos pelo narrador.

Figura 1: Captura de Capitu – O trem



Fonte: CAPITU, 2008, Capítulo 1

O espaço no qual a minissérie foi gravada também é interessante para ser abordado na leitura em sala de aula, por ser necessário remeter a obra para entender a construção do cenário. Assim, é possível fazer com que o aluno realize uma análise comparativa entre os dois suportes. *Dom Casmurro*, ao imaginar um romance entre sua amada Capitu e Escobar, resgata a tragédia shakespeariana de *Otelo*, em que este, cego de ciúmes, por dar ouvidos às falsas acusações de seu alferes invejoso, é levado a matar sua amada *Desdêmona*. Portanto, *Dom Casmurro* afirma que “a vida é uma ópera”, pois sua relação com Capitu se assemelha a Ópera shakespeariana. Na minissérie, todas as cenas são gravadas em um hotel, com grandes espaços abertos, em que na transposição de uma cena para outra são usadas grandes cortinas vermelhas, elas são acionadas sempre que há uma mudança de ato. Acrescenta-se ao cenário teatral as maquiagens, as luzes, as danças, a narração e os figurinos.

Outra escolha interessante na construção das aberturas são as colagens, elas representam as memórias de Bentinho sendo reveladas conforme as fases de sua vida. O processo foi fotografado em intervalos regulares e as fotos retornavam ao computador como uma única sequência de imagens na montagem. Dessa forma, as colagens agrupam as lembranças de Bentinho e as estruturam, assim como na escrita do livro em que as memórias são transformadas em prosa, representando mais uma vez a saída do papel para a televisão, do canônico para o cinematográfico.

As sobreposições de cenas também são fascinantes na ida ao cinema de Dom Casmurro para assistir à ópera supracitada. O fato de ser usado na minissérie um cinema, ao invés de teatro, conforme a obra, já demonstra um aspecto interessante a ser observado sobre a questão temporal na adaptação. Quando Dom Casmurro se espelha na narrativa de Otelo, as cenas se penetram e se envolvem como os movimentos do mar e das alucinações. Diante disso, existe uma preocupação por parte do diretor em deslocar, ou adequar, o espaço no qual a narrativa é exposta. Assim, muda-se também as linguagens utilizadas na construção do enredo. (BIDEMY, 2019).

Imagem 2: Híbridez de Dom Casmurro e Otelo



Fonte: CAPITU, 2008, Episódio 5

Outro aspecto relevante para ser abordado é a caracterização de Capitu, pois suas roupas são como seus olhos na concepção do agregado José Dias: oblíquos de cigana. Suas roupas e maquiagens expressam a dúvida sobre sua personalidade. Capitu, mais mulher do que Bentinho era homem, na minissérie não seria diferente. Olhos hipnotizantes, fascinantes, que sugam as atenções até em seus movimentos. Seus vestidos são volumosos, com várias camadas, rendas e movimento. As cores vão se tornando mais quentes assim que ela vai envelhecendo, mas essas cores não são perceptíveis apenas nos vestidos como também nas luzes, maquiagem e, até mesmo, nas cortinas que encerram o ato. Toda a minissérie vai assumindo uma tonalidade fechada, sombria, conforme a descrença do narrador e sua amada. Todas essas escolhas na construção da cena convidam o telespectador a entrar na dúvida do narrador com relação à intenção de Capitu. Além disso, seus vestidos remetem ao mar, mas não um mar calmo, e sim aquele com ressaca, pois ao retornar a obra, Bentinho afirma que os olhos de Capitu são de ressaca. Olhos estes que, após a morte de seu amigo traidor, trazem o defunto, com tamanha tristeza que aumentou mais ainda seus questionamentos sobre a traição. Dessa forma, os movimentos pesados e carregados dos vestidos “tragam” a nossa atenção,

seduzem e capturam. Nessa interpretação é importante lembrar que as representações de Capitu são as memórias do narrador, portanto, o jogo de sedução também é uma forma de incriminação e julgamento das atitudes dela.

Imagem 3: O mar representado no vestido de Capitu



Fonte: CAPITU, 2008

As músicas também são instrumentos para trazer a atenção e desenvolver a possibilidade da dúvida em sala de aula. A minissérie é produzida sendo pensada com todo cuidado, até mesmo na trilha sonora que apresenta um peso imenso na construção da narrativa. Há música clássica, samba e rock, acentuando a estética ópera-rock destacada na minissérie e mistura novamente os tempos entre o clássico e o atual. *Elephant Gun* da banda Beirut é a canção que traz ao narrador as lembranças de sua jovem e bela amada, Capitu, e embalam várias cenas do casal. *Elephant Gun* é um termo em inglês que indica uma arma usada para matar elefantes. Por isso, ele pode ser traduzido como *arma de caça*. Nos primeiros versos, o personagem apresenta hipóteses sobre o que faria se ainda fosse jovem. Ele nos transmite a ideia de um idoso que já viveu muito, mas que se arrepende de ter continuado a morar na mesma cidade, com suas atitudes e suas escolhas. Dessa forma, podemos aludir ao narrador, no qual, no mesmo momento em que se lembra da bela amada, se questiona com arrependimento acerca de suas escolhas, como se perguntasse: Porque amei tanto uma traidora manipuladora? Essa interpretação é possível apenas através da música graças a transposição de suporte, até mesmo devido ao uso da linguagem.

Ao serem ditas em sala aula, todas essas observações na construção da minissérie foram de tamanha revelação para os alunos que muitos deles assistiram a produção completa após a aula. Alguns já haviam assistido na primeira etapa da leitura oral. Estamos vendo de perto o florescer de um projeto que ocorreu com muitos estudos e debates. Levamos a

literatura para a escola e não apenas isso, fizemos de forma emocionante. Observar os alunos discutindo, lendo, sorrindo e com os olhos brilhando uma obra da importância de *Dom Casmurro* nos fez compreender a importância do PIBID na formação docente. Os alunos participaram ativamente com debates reflexivos não apenas sobre a obra, mas também acerca da realidade vivida por eles. É justamente a partir dessa interação do aluno com textos que o estudo da literatura em sala de aula torna-se significativo. A literatura “nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada” (COSSON, 2009, p. 17).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre as atividades realizadas, percebemos que a presença da literatura como parte da disciplina Língua Portuguesa na escola pública mostra-se indispensável para o currículo escolar que prioriza a cultura humana e valoriza o senso crítico. A experiência relatada corrobora com a ideia de que é necessário estreitar as relações entre teoria literária e ensino de literatura, pois enquanto a teoria não ultrapassar os “muros” da academia e não penetrar consideravelmente o contexto escolar, as aulas de literatura continuarão restritas ao estudo biográfico, metalinguístico (SILVA, 2005, p. 525).

O ato de ler é essencial para o desenvolvimento intelectual e crítico dos jovens. Quando se tornam letrados literários, ou seja, dominam os códigos e práticas da leitura literária, eles adquirem uma capacidade maior de compreender o mundo ao seu redor por meio da literatura. Ao lerem diferentes textos literários, eles são expostos a diversas culturas, visões de mundo e realidades sociais, expandindo seu repertório e formando uma consciência mais ampla e crítica acerca da literatura e da leitura. Além disso, ao encararem as leituras como práticas discursivas, os jovens são estimulados a refletir e dialogar sobre as obras que leem. Eles são encorajados a analisar os temas, personagens, enredos e contextos, a interpretar e construir seus próprios significados a partir da leitura.

Por fim, ao perceberem a literatura como uma forma de expressão artística e reflexiva sobre a sociedade, os jovens adquirem fôlego e ânimo para enfrentar qualquer tipo de leitura, por compreenderem que todas têm potencial para contribuir em sua formação pessoal e social (SILVA, 2005, p. 517). Entende-se que é relevante tornar a aprendizagem mais significativa durante o processo de ensino, neste relato salienta-se que não foi uma experiência significativa apenas para os alunos da escola-campo, mas também proporcionada pelo PIBID para os bolsistas.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Garnier, 1899.

BIDEMY, Betinha Yadira. **Linguagens de Capitu, a minissérie de Luiz Fernando Carvalho**. Papéis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens-UFMS, v. 23, n. 46, p. 103-114, 2019.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAPITU. Direção de Luiz Fernando Carvalho. Rio de Janeiro: **Globo Marcas**, 2009. 2 DVDs.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário – teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução André Cechinel. Florianópolis: UFSC, 2011.

KRISTEVA, J. “Le mot, le dialogue et le roman”. In: **Critique: Revue Générale des Publications Françaises et Étrangères**. Paris, Tome 23, n. 239, p. 438-65, avr. 1967.

MANSOR, Rodrigo Ribeiro. **LITERATURA, TELEVISÃO E ENSINO: Capitu na sala de aula**. 2021. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/28789>. Acesso em: 27 ago. 2023.

Revista Nova Escola. Ano XXII, n° 203, junho/julho 2007. **Editora Abril**, Fundação Victor Civita.

ROUXEL, A. Aspectos metodológicos do ensino da Literatura. In: DALVI, M.A.; REZENDE, N.L.; JOVER-FALEIROS. R. (Org). **Leitura de Literatura Literária**. São Paulo: Parábola, 2013.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar**. Anais do evento PG letras, v. 30, p. 514-527, 2005.